

## FGV – DIREITO – (13/11/2005)

Veja, leia e relacione as mensagens-estímulo apresentadas abaixo. Elas servem de suporte à Proposta de Redação.

### 1. Texto I

Para Gilles-Gaston Granger, na obra *A Ciência e As Ciências\**, “os objetos que utilizamos e de que estamos rodeados são produtos da técnica e, por assim dizer, estão **impregnados** de pensamento científico.” Diz ainda o autor que “essa penetração da ciência é **anônima**, já que a maioria de nós ignora completamente seus modos de intervenção.”

Para ele, o que causa espanto, **maravilhamento**, são as visíveis **performances** propriamente técnicas. Mesmo assim, o hábito atenua, num grande número de usuários, a maravilha que essas façanhas suscitaram inicialmente. Dessa forma, nossa época caracteriza-se por representações do pensamento científico que os veículos de vulgarização se encarregam de divulgar.

\* Granger, Gilles-Gaston, *A Ciência e As Ciências*. São Paulo: Editora Unesp, 1994. p. 16-17.

### 2.



René Magritte, *Os valores pessoais* (1952), Óleo sobre tela. 81x100 cm.  
Coleção particular, Nova York

### 3. Texto II

“Menino, mandavam-me escovar em jejum os dentes, mal saído da cama. Eu fazia e obedecia. Sabe-se — aqui no planeta por ora tudo se processa com escassa autonomia de raciocínio. Mas, naquela ingrata época, disso eu ainda nem desconfiava. Faltavam-me o que contra ou pró a geral, obrigada escovação.

Ao menos as duas vezes por dia? À noite, a fim de retirar as partículas de comida, que enquanto o dormir não azedassem. De manhã...

Até que a luz nasceu do absurdo.

De manhã, razoável não seria primeiro bochechar com água ou algo, para abolir o amargo da boca, o mingau-das-almas? E escovar, então, só depois do café com pão, renovador de detritos?

Desde aí, passei a efetuar assim o asseio. Durante anos, porém, em vários lugares, venho amiúde perguntando a outros; e sempre com já embotada surpresa. Respondem-me — mulheres, homens, crianças, médicos, dentistas — que usam o velho, consagrado, comum modo, o que cedo me impunham. Cumprem o inexplicável.

Donde, enfim, simplesmente referir-se o motivo da escova.”

“Sobre a escova e a dúvida”. In: Rosa, Guimarães. *Tutaméia – Terceiras Estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 156.

4. Texto III

“Os objetos muitas vezes percebidos começam a ser percebidos como reconhecimento: o objeto se acha diante de nós, sabemos-lo, mas não o vemos. Por isso, nada podemos dizer sobre ele. Em arte, a liberação do objeto do automatismo perceptivo se estabeleceu por diferentes meios. [...] e eis que para devolver a sensação de vida, para sentir os objetos, para provar que pedra é pedra, existe o que se chama arte. O objetivo da arte é dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos...”

Chklovski, V., “A arte como procedimento”. *Teoria da Literatura – formalistas russos*. Porto Alegre: Editora Globo, 1971. p. 45.

## PROPOSTA

A partir do que as mensagens acima lhe transmitiram, desenvolva um texto de caráter argumentativo cuja temática seja “a presença anônima da ciência *versus* sua espetacularização”. Busque defender sua tese central com o máximo de coerência entre os sentidos e a máxima coesão discursiva, para que haja unidade e pertinência entre as idéias. Dê um título que sintetize seu texto em seu conjunto.

## COMENTÁRIO DE REDAÇÃO

A prova de redação do vestibular de **Direito FGV** seguiu o mesmo perfil do apresentado no ano passado: trouxe uma coletânea que exigia a habilidade de interpretação de diferentes gêneros discursivos – dois textos técnicos/teóricos e um literário –, além da capacidade de análise de um texto não verbal – a tela *Os valores pessoais* de René Magritte. O tema, definido nas instruções, pedia que o candidato questionasse “a presença anônima da ciência *versus* sua espetacularização”.

Usando a coletânea como roteiro, era possível discutir o quanto muitos avanços tecnológicos, caracterizados pelos objetos que nos rodeiam, são impregnados do processo de criação e como cada um deles constitui um signo representativo do nosso tempo. Surge, então, a dialética: os objetos da ciência chamam mais atenção pela sua “*performance* técnica”, isto é, pela sua aplicabilidade no cotidiano, que propriamente pelo complexo pensamento científico nele contido. Pior, o dia-a-dia das pessoas incumbe-se de atenuar inclusive esse primeiro impacto, fazendo com que tais objetos sejam banalizados pela rotina a ponto de não serem mais significativos. Exemplos como o telefone, a televisão, a internet poderiam ser apontados como descobertas que maravilharam o mundo num primeiro momento, mas que, atualmente, estão tão incorporados ao cotidiano do ser humano que não causam mais nenhum tipo de admiração nem sequer reflexão. Assim, vem à tona o papel da arte que assume a responsabilidade de retirar o objeto do anonimato, devolvendo-lhe sua gama de significados, fazendo com que ele seja percebido e não apenas reconhecido.

Vale ressaltar que o tema foi belissimamente elaborado, com uma coletânea bastante indicativa, privilegiando o aluno bem formado, de perfil diferencial, capaz de desenvolver análise crítica do mundo no qual está inserido.